

## REVISITANDO O GÊNERO EM BAKHTIN PELA VISÃO DE PATRICK SÉRIOT: DISPERSÃO DE SENTIDOS E IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS\*

REVISITANDO EL GÉNERO EN BAKHTIN A PARTIR DE LA VISIÓN DE PATRICK SÉRIOT: DISPERSIÓN  
DE SENTIDOS E IMPLICACIONES PEDAGÓGICAS

REVISITING GENRE IN BAKHTIN THROUGH PATRICK SÉRIOT'S PERSPECTIVE: DISPERSION OF  
MEANINGS AND PEDAGOGICAL IMPLICATIONS

**Maria Marta Furlanetto\*\***

Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL, Tubarão, BR

**RESUMO:** Este trabalho discute o que Patrick Sériot, eslavista reconhecido, chama de “mau entendimento” da teoria de Bakhtin sobre os gêneros, em seu ensaio *Généraliser l'unique: genres, types et sphères chez Bakhtine*. Alguns tópicos são detalhados no sentido de se compreender o percurso histórico do filósofo e o texto específico sobre os gêneros (Os gêneros do discurso). A partir daí, tomando a interpretação como dispersão e efeitos de sentido, estuda-se a operacionalização da teoria e a interpretação feita do texto em seu percurso histórico. Entende-se que Bakhtin, hoje, é outro do que foi para si mesmo e seus contemporâneos. Trata-se, pois, de refletir sobre o que isso significa para nós, com a mudança de rumo metodológico no ensino e aprendizagem de línguas.  
**PALAVRAS-CHAVE:** teoria de gêneros; interpretação; dispersão de sentidos; ensino.

**RESUMEN:** Este trabajo discute lo que Patrick Sériot, eslavista reconocido, denomina “malo entendimiento” de la teoría de Bakhtin sobre los géneros, en su ensayo *Généraliser l'unique: genres, types et sphères chez Bakhtine*. Se llama la atención sobre algunos tópicos con la intención de llevar a la comprensión y al camino histórico recorrido por el filósofo y el texto específico sobre los géneros (Os gêneros do discurso). A partir de ahí, tomando la interpretación como dispersión y efectos de sentido, se estudia la puesta en acción de la teoría y la interpretación hecha del texto en su camino histórico. Se entiende que Bakhtin, hoy, es otro y no lo que fue para sí mismo y para sus contemporáneos. Se trata, pues, de reflexionar sobre qué significado este hecho tiene para nosotros, con el consecuente cambio de rumbo metodológico en la enseñanza y aprendizaje de lenguas.  
**PALABRAS-CLAVE:** teoría de géneros; interpretación; dispersión de sentidos; enseñanza.

**ABSTRACT:** The present work discusses what the well known Slavonian languages expert Patrick Sériot calls "poor understanding" in Bakhtin's theories on genre, in his essay *Généraliser l'unique: genres, types et sphères chez Bakhtine*. Some topics are detailed in order for one to learn about the historic course followed by the philosopher and the specific text on genres (Speech genres). Then, taking interpretation as dispersion and effects on meaning, the way theory has been made operational and its interpretation along its history is discussed. Nowadays, it has been said that Bakhtin is other than the one he used to be for himself and his contemporaries. What is in focus here is reflecting on all that dispersion of meanings means to us, considering the changes in methodological development in the teaching and learning of languages.  
**KEYWORDS:** genre theories; interpretation; dispersion of meanings; teaching.

Uma teoria foi formulada faz trinta anos e em determinado contexto histórico, porém dada a conhecer trinta anos depois, em outro contexto, não é a mesma teoria.

(V.N. TURBIN, citado por BUBNOVA, 2006)

### 1 INTRODUÇÃO

Meu foco neste trabalho é a discussão do que Patrick Sériot chama “mau entendimento” da teoria de Bakhtin sobre os gêneros, a partir da tradução e divulgação de sua obra na Europa (e alhures). A questão específica se resume nisto: tratava-se, para Bakhtin, de gênero do *discurso*, como comumente usamos e

---

\* Este trabalho é uma versão revisada do texto apresentado no VI SIGET – UFRN, 2011.

\*\* Doutora em Linguística Aplicada. Email: [mmarta@intercorp.com.br](mailto:mmarta@intercorp.com.br).

entendemos, ou gênero de *texto*, ou ainda gêneros *da fala*? Este é o tema de Sériot (2007) no ensaio *Généraliser l'unique: genres, types et sphères chez Bakhtine*.<sup>1</sup>

Para efeito de minha reflexão, inserirei comentários durante a apresentação do texto de Sériot – sopesando suas considerações relativamente à análise que faz do contexto de produção em que Bakhtin se situava (URSS anos 1950), e buscarei: a) realizar com outro olhar a leitura do texto-chave de Bakhtin sobre os gêneros; b) apreciar a avaliação de alguns outros autores quanto à recepção de Bakhtin no mundo; e c) defender que, em vários campos de estudo, hoje, a leitura que “quisemos ou pudemos” fazer de Bakhtin teve/tem consequências positivas (seja remontando a Bakhtin, seja objetivando a futuridade). Enfim, penso no que se tem feito especificamente no campo educacional com a mudança de rumo metodológico na aprendizagem de línguas. Essa orientação tem consequências cruciais para o processo de letramento, desdobrado em múltiplas práticas. Minha argumentação utiliza basicamente o próprio corpo teórico da obra bakhtiniana.

## 2 DEFININDO O PROBLEMA EM SÉRIOT

Sériot inicia seu ensaio perguntando-se se “gênero” em Bakhtin remete a “discurso” conforme o entendimento de Foucault ou Pêcheux – o que, diz ele, não é certo. O que ele faz, então, é “experimentar” traduzir *rečevye žanry* por “gêneros da fala” [*parole*] em vez de “gêneros do discurso”. Quais as consequências dessa decisão? Ele diz que nova dimensão aparece: uma teoria do sujeito pleno (não dividido), do enunciado (não da enunciação), uma perspectiva personalista e ética do ser humano – bem diferente do modo como Bakhtin foi recebido na França e alhures.

Sériot busca recontextualizar a noção ligando-a ao mundo cultural e conjuntura intelectual da URSS no início dos anos 50 (pós-segunda guerra), para mostrar os equívocos da leitura de Bakhtin fora do contexto. Ou seja, ele quer fazer “uma leitura bakhtiniana de Bakhtin” (2007, p. 2), que teria recebido divulgação por ter sido o único a ser traduzido amplamente no Ocidente. Por isso, Sériot o coloca numa dimensão doxal: haveria tantos Bakhtin quantos são os países em que houve sua recepção. E a França, segundo ele, recebeu a cultura russa em pedaços, pelo filtro dos jogos políticos do momento.

- **COMENTÁRIO:** Sériot trata de olhar atentamente o contexto em que Bakhtin produziu seu texto, dando legitimidade à interpretação possível nesse contexto. Em contraponto, Sobral (2009), ao refletir sobre a *Estética da criação verbal*, onde encontramos o texto estudado por Sériot, diz que sua própria leitura “busca tanto respeitar o autor como o ler com independência, isto é, busca a posição que Bakhtin chamou de ‘exotópica’<sup>2</sup>, posição que propicia um ‘excedente de visão.’” (p. 167, grifo do autor). Diga-se ainda que, na edição brasileira de 2003, Paulo Bezerra (discutindo a expressão “comunicação discursiva”) explica, em nota, que “*rietchevóie* é derivação de *rietch*, que é discurso, fala, em alguns aspectos linguagem, mas aqui, na acepção bakhtiniana, é discurso, daí traduzirmos *rietchevói* como ‘discursivo’” (p. 265). Pode-se aventar que Sériot viu a “intromissão” do termo ‘discurso’ como uma função dos jogos políticos do momento em que Bakhtin era introduzido na França, o que teria produzido uma distorção na leitura e tradução das obras. Ademais, explica ainda Paulo Bezerra (p. 261), é único em russo o termo que corresponde a [...] enunciado e enunciação, que deriva do infinitivo que em russo significa “ato de enunciar, de exprimir, transmitir pensamentos, sentimentos, etc. em palavras.” E Bakhtin, de fato, situa “enunciado” [*viskázivanie*] “no campo da parole saussuriana” (p. 261). Retomarei a questão no desenvolvimento deste trabalho.

<sup>1</sup> O texto traduzido para o português (por Eni Orlandi) encontra-se em *Línguas e Instrumentos Linguísticos* n. 21, disponível em <<http://www.revistalinguas.com/edicao21/edicao21.html>>.

<sup>2</sup> Na edição brasileira de 2003 (Martins Fontes), Paulo Bezerra traduz “exotopia” como *distância/distanciamento*.

Deve-se a esse texto de Bakhtin (*Rečevye ženy*)<sup>3</sup>, diz Sériot, em que Bakhtin buscava uma terminologia em contraste com “palavra” [mot em francês] e “proposição”, que se tenha utilizado “enunciado e gênero” no Ocidente – sem levar em conta a situação das ciências humanas e sociais na URSS dos anos 50. Nele, aliás, o editor expurgou citações diretas e alusões ao texto de Stalin de 1950 sobre as questões linguísticas. Era o tempo de Brezhnev, em que Stalin saíra de cena.

- **COMENTÁRIO:** O texto de Bakhtin estava vinculado (como uma resposta) àquele de Stalin publicado no jornal *Pravda* em junho de 1950, sobre as relações entre a linguística e a política marxista (V. STALINE, [1950] 1977).

Sériot diz que Bakhtin não falou de “gêneros do discurso”; diz que é preciso partir, antes de mais nada, das palavras efetivamente usadas por ele no título. Se a tradução fosse “registros da fala” [em francês, *registres de la parole*], outra direção teria sido dada (outra filiação terminológica). Sériot experimenta, então, ver as consequências para a escolha de “gêneros da fala” [*genres de la parole*] como tradução.

## 2.1 Diálogo aberto ou polêmica sem apelo?

Com respeito ao texto em questão, Sériot considera que “é difícil encontrar texto mais antidialógico que RŽ”.

- **COMENTÁRIO:** Um autor “monologa” quando “entende tudo a partir de si próprio sem reconhecer a diversidade das outras consciências, das outras ‘ideias’. Monologar é impor uma visão de mundo.” É como se expressa Hebeche (2007, p. 20), que, ao propor uma reflexão sobre Bakhtin em seu estudo da obra de Dostoiévski, observa em seguida que “a polifonia bakhtiniana [...] permanece com um pé preso ao modelo da consciência; com isso, ele permanece herdeiro, aliás, da concepção platônica da exterioridade entre a palavra e a coisa, ou melhor, entre a linguagem e a ideia.” (p. 20-21).

Bakhtin (prosegue Sériot) se ressentia dos linguistas e da linguística de seu tempo, e não tem a mínima consideração pelos pontos de vista daqueles que não compartilham suas opiniões. Ele se dá como pioneiro, afirmando que o problema dos gêneros da fala nunca havia sido realmente posto. Ora, afirma Sériot, o problema do diálogo tinha longa história, e o terreno estava, contrariamente, bem balizado na Rússia; a historicidade dos gêneros literários, por exemplo, era foco de trabalho de Aleksander Veselovskij. Mas este e outros autores não são citados em Bakhtin – nem mesmo Voloshinov (*Marxismo e filosofia da linguagem*), seu grande inspirador. E o artigo de Bakhtin desconsidera os adversários usando comumente o termo *ficção* para suas teorias. Assim, RŽ seria um discurso com a pretensão de verdade, com afirmações descuidadas, sem proposta de demonstração. Finalmente, diz Sériot, RŽ não traz nada de novo relativamente à obra de Voloshinov.

- **COMENTÁRIO:** No capítulo “A interação verbal” de *Marxismo e filosofia da linguagem*, “gênero do discurso” não se define como tal, mas encontramos aí “tipos de interação verbal”, “categorias de atos de fala”, “formas da enunciação considerada como um todo”, “tipos de discursos”, “tipos particulares de formas estereotipadas”, “fórmulas particulares de palavras-alusões” (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 1979, p. 110, 111). Em outras passagens ainda encontramos “gêneros linguísticos” e “gênero” (p. 29), e – todas, tangencialmente ou não, remetendo aos gêneros – “*modos de discurso*” (p. 28), “formas de enunciação” (p. 29) “formas do signo”, “a comunicação e suas formas” (p. 30). Pode-se dizer, como constata Rodrigues (2005, p. 162):

A presença da noção geral dos gêneros do discurso encontra-se em muitos dos trabalhos do Círculo de Bakhtin: a defesa do romance como gênero literário; os gêneros intercalados como uma das formas composicionais de introdução e de organização do plurilinguismo no romance; a abordagem do romance polifônico de Dostoiévski; o papel e o lugar dos gêneros nos estudos marxistas da linguagem; os gêneros

<sup>3</sup> No restante do texto, Sériot usa apenas RŽ. Nós conhecemos o artigo tal como publicado em *Estética da criação verbal* (BAKHTIN, 2003), cuja tradução da edição russa inclui as notas dos organizadores.

como uma das forças sociais de estratificação das línguas (uma das forças centrífugas); e o alargamento da noção dos gêneros para todas as práticas de linguagem e não só as do domínio da poética e da retórica.

Contudo, como também destaca essa autora, é em *Os gêneros do discurso* que Bakhtin focaliza a atenção na questão geral dos gêneros, sistematizando o conhecimento a respeito, especialmente alargando o campo de uso, de função e de compreensão dos gêneros. Talvez a aparência “monológica” do texto, conforme a caracterização de Sériot, se deva a essa forma de conjugação dos estudos anteriormente realizados e então reelaborados como uma tese maciça sobre a temática, que amarra a noção de gênero (impessoal) à de enunciado (individual e irrepetível). De outra parte, encontramos em *Marxismo e filosofia da linguagem* (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 1979, p. 89), no capítulo *Língua, fala e enunciação*, uma crítica ao formalismo sistemático, algo que parece uma autojustificação (a julgar que Bakhtin tenha voz na obra): “Os criadores – iniciadores de novas correntes ideológicas – nunca sentem necessidade de formalizar sistematicamente. A sistematização aparece quando nos sentimos sob a dominação de um pensamento autoritário aceito como tal.” Bakhtin seria agora, para nós, esse “pensamento autoritário”, que nos faz repetir? Afinal, ele também é nossa “palavra estrangeira”. Mas há, de fato, passagens no texto de Bakhtin que são índices de sua autoavaliação como pioneiro na compreensão dos gêneros em associação com a busca da definição da natureza linguística do enunciado, em contraposição aos estudos anteriores, começando pela Antiguidade e indo até os trabalhos de Saussure, de Vossler, dos behavioristas. Algumas passagens são transcritas abaixo, tendo-se como referência a edição de 2003 da *Estética* (os grifos são do autor):

- a) “a questão geral dos gêneros discursivos nunca foi verdadeiramente colocada” (p. 262);
- b) “[na Antiguidade] a especificidade dos gêneros retóricos (jurídicos, políticos) encobria a sua natureza linguística geral” (p. 263);
- c) “O desconhecimento da natureza do enunciado e a relação diferente com as peculiaridades das diversidades de gênero do discurso em qualquer campo da investigação linguística redundam em formalismo e em uma abstração exagerada” (p. 264-265);
- d) “Até hoje ainda existem na linguística *ficções* como o ‘ouvinte’ e o ‘entendedor’ (parceiros do ‘falante’, do ‘fluxo único da fala’, etc.). Tais ficções dão uma noção absolutamente deturpada do processo complexo e amplamente ativo da comunicação discursiva.” (p. 271);
- e) “A indefinição terminológica e a confusão em um ponto metodológico central no pensamento linguístico são o resultado do desconhecimento da *real unidade* da comunicação discursiva – o enunciado.” (p. 274)

A “linguística monológica”, segundo Bakhtin, se alinha a duas vertentes: Saussure e o estruturalismo e a escola de Vinogradov, que se apegam a abstrações (palavras e proposições). Sériot considera essa polêmica uma forma degradada de diálogo: não há lugar para a voz do outro com sua responsabilidade: ela é prisioneira de uma outra voz. Apesar disso, Sériot afirma que nada do que Bakhtin propõe para ultrapassar a linguística, a fim de chegar à “verdadeira natureza da linguagem”, é próprio de uma língua particular. Sua meta, afinal, é a linguagem humana – que Saussure acreditava ser impossível conhecer, daí sua escolha inicial (metodológica) da *langue*.

- **COMENTÁRIO:** Faraco (2006), analisando *Marxismo e filosofia da linguagem*, obra lida como de autoria de Voloshinov, diz que este adotou a concepção de Humboldt de linguagem como atividade, mas atribuiu a ela caráter eminentemente social, tendo a interação social como elemento constitutivo. Entretanto, dentro desse quadro não há um lugar definido para o especificamente gramatical. Bakhtin teria resolvido melhor a questão ao propor que *sentença* (oração) e *enunciado* são fenômenos de natureza distinta, pedindo, portanto, análise diferenciada. Embora não avance substancialmente numa análise estrutural, considera-a legítima e relevante.

Por acaso, pergunta Sériot, deve-se repreender um padeiro por não vender peixes?

- **COMENTÁRIO:** Entre outras observações críticas à linguística e aos linguistas, Bakhtin (2003) anota, em *Os gêneros do discurso*, que “Saussure ignora o fato de que, além das formas da língua, existem ainda as *formas de combinações* dessas formas, isto é, ignora os gêneros do discurso.” (p. 285, nota). Daí o questionamento de Sériot.

Assim, Sériot crê que Bakhtin se prende a uma psicologia dos comportamentos humanos na linguagem – e aí as línguas particulares absolutamente não importam.

- **COMENTÁRIO:** A par dessa afirmação, pode soar como estranho que o enunciado concreto seja tomado como o objeto da metalinguística (mais especificamente, as relações dialógicas), e que a singularidade, o acontecimento da interação verbal, seja foco da atenção de Bakhtin. Daí a questão de como tratar cientificamente tal tipo de individualidade irreproduzível – o enunciado. A resposta de Bakhtin se resume na identificação da metalinguística como campo científico de “entremeio”: a fronteira (ou as margens) do estudo da língua (com suas orações) e do estudo do sentido (do enunciado, que é dialógico). Sua argumentação é a seguinte: a) toda ciência lida com singularidades em seu ponto de partida; b) a ciência pode e deve estudar a forma e a função dessa individualidade, prevenindo-se contra a pretensão a uma análise abstrata. Ainda que isso pareça uma petição de princípio, o que Bakhtin deseja é que a metalinguística e a linguística se complementem (o *meta* prefixado a *linguística* mantém a linguística). Assim, ele entende que o campo entre a análise da língua e a análise do sentido pertence à ciência (BAKHTIN, 2003, p. 313).

Seguindo com Sériot: O que Bakhtin não quer é ter como objeto “a língua como sistema”. Assim, trata-se de uma linguística “dialógica”, oposta à antiga (monológica). Aos estilos da língua correspondem os gêneros da fala; à proposição corresponde o enunciado (concreto). É por isso que, mais tarde (1961), ele usa o termo “metalinguística” [*metalingvistika*] – que, segundo Sériot, não devia ser traduzido por “translinguística”, visto que Bakhtin não quer atravessar a linguística, mas ir além; “superlinguística” seria, então, uma tradução mais adequada.

- **COMENTÁRIO:** Com efeito, sua “metalinguística” não pretende jogar no esquecimento a noção de sistema da língua. Como observa Sobral (2009, p. 175), Bakhtin se refere ao sistema “como elemento *sine qua non*, porém nunca *exclusivo*, da existência do texto, sempre pensado no âmbito do discurso e do gênero.” Esse é um ponto que merece atenção porque uma orientação pedagógica que incorpore a noção de gênero pode esquecer que a gramática da língua é uma estrutura fundamental do enunciado.

Sériot prossegue: sua filosofia é personalista (o sujeito não está morto). Em Voloshinov o sujeito se dissolve no coletivo (social); em Bakhtin ele é um indivíduo responsável em relação permanente com outros (caráter interindividual). Nada se parece aí com morte do sujeito ou sujeito dividido (Sériot faz alusão a abordagens discursivas e psicanalíticas): Locutor = sujeito de fala = autor; Enunciador = indivíduo que fala.

A metalinguística também não é uma pragmática: nada aí aparece como dêixis, ou sui-referencialidade, performatividade; não há nenhuma “operação”. Bakhtin só reconhece o perlocutório (o que se diz para outro fazer); para ele, os indivíduos que entram em interação *preexistem* como tais ao tomar a palavra: são pessoas. Daí que não haja diferença entre indivíduo e sujeito (como há em Benveniste – sujeito da enunciação – ou em Pêcheux – posição discursiva); ele tem intenção de comunicação.

Enfim, o mundo de Bakhtin é antifreudiano (em Freud, o homem não é acessível a si senão por intermédio do olhar do outro). Não haveria inconsciente, nem divisão subjetiva, nada ilusório; a consciência apenas se nutre de outras consciências – posição distante da noção de sujeito em Althusser ou Foucault e do sujeito dividido em Lacan.

- **COMENTÁRIO:** Como observa Emerson (2003, p. 259-260),  
o modelo mental de Bakhtin não reconhece nenhum equivalente do *id* freudiano, dotado de demandas e impulsos autônomos, não negociáveis e presumivelmente universais. Tampouco o eu bakhtiniano admite o controle de um superego que o eu consciente deve acomodar pela submissão, pela culpa ou pelo medo.

- O “modelo mental” a que Emerson remete é tripartite, considerando o “eu” nas dimensões: “eu-para-mim-mesmo” e a dualidade “eu-para-o-outro” / “o-outro-para-mim”. A relação entretida por esse último par é fundamental na constituição da dialogia. Mas é também uma forma de se mostrar, ainda que com diferença de fundo relativamente a Freud, que o olhar do outro, em sua função exotópica (de distanciamento), dá substância ao “eu”.

Diferentemente ainda da posição sociologista de Voloshinov, Sériot afirma que Bakhtin é personalista. Se em Benveniste o sujeito se constitui por proferir um pronome pessoal (eu), em Bakhtin ele é ponto de partida: cada indivíduo é sempre sujeito, falando ou não, perguntando ou respondendo. Por isso, uma linguística das formas próprias de uma língua é considerada monológica por Bakhtin. Esse é um termo-chave, tomado a Martin Buber, e quer dizer: não levando em conta a subjetividade irreduzível do outro. Daí que não faz sentido em Bakhtin a diferença benvenistiana enunciado/enunciação; nem a noção de não-pessoa.

- **COMENTÁRIO:** Quanto à influência de Martin Buber sobre Bakhtin, que toca a questão exterioridade/interioridade e diz respeito à relação dialogal eu/tu, mais de um autor russo marcou os estudos comparativos entre os dois pensadores, salientando mais discordâncias que simetrias. Emerson (2003) destaca, das discussões realizadas por ocasião da Conferência Internacional do Centenário de Bakhtin (Moscou, 1995), os comentários de Mikhail Girshman e os de P.S. Gurevich (cf. p. 272-281), mostrando reais diferenças entre Buber e Bakhtin.

## 2.2 Comunicação

Em Bakhtin, diz Sériot, não há “diálogo de surdos”, nem lapsos ou equívocos.

- **COMENTÁRIO:** Isso o aproxima do filósofo Jürgen Habermas em sua teoria da ação comunicativa, em que propõe um modelo idealizado de comunicação social.<sup>4</sup>

Note-se, continua Sériot, que ele nunca descreve diálogos reais – quando há um, é extraído da literatura (porém, havia condições, à época, para acompanhamento e gravação de diálogos reais?). Até mesmo o princípio da alternância dos turnos para marcar o enunciado é otimista e idealizado: as pessoas passam educadamente a palavra umas às outras. Isso estaria ligado ao princípio do “terceiro” como esperança de que as palavras sejam compreendidas integralmente em algum momento? Seria o desejo de Bakhtin?

- **COMENTÁRIO:** Hirschkop (2006) lembra que Bakhtin escrevera que “toda palavra conheceria seu festivo renascimento” (p. 154), e isso poderia estar vinculado à noção de supradestinatário. No texto de Hirschkop, que focaliza as relações sagrado/secular, ele lembra que Bakhtin insistiu em que, “para que um valor tenha alguma força, é preciso ter fé em um valor último” (2006, p. 153), ou seja, que se trate de um valor transcendente (um terceiro). De fato, ao remodelar a teoria da autoria como uma teoria do discurso, Bakhtin trouxe a ideia de um “supradestinatário” – um terceiro sujeito que teria o entendimento justo do que os autores empíricos pretendiam dizer. É uma idealidade, tal como a pensou também Habermas (há a esperança de que vamos acabar sendo entendidos, apesar dos mal-entendidos). (cf. HIRSCHKOP, 2006, p. 153-154). Como contraparte, pode-se dizer que, se a palavra tem significação intersubjetiva, como poderia estar apenas naquele que enuncia? Há algo mais: ao comentar as discussões feitas em torno da influência de Buber sobre Bakhtin, Emerson (2003, p. 279) afirma que quando Bakhtin postula uma “terceira parte ideal”, que é o que ele nomeou como *nadadresat* (traduzida nessa obra como “superouvinte”), esse ponto de referência da relação eu/tu não é necessariamente “Deus”, que é uma das possibilidades funcionalmente semelhantes (cf. BAKHTIN, 2003, p. 333, em que ele exemplifica “Deus, a

<sup>4</sup> Para um sobrevoa na teoria, pode-se apreciar o artigo de Gonçalves (1999). O trabalho de Habermas se inscreve na Teoria Crítica da Escola de Frankfurt.

verdade absoluta, o julgamento da consciência humana imparcial, o povo, o julgamento da história” como possíveis candidatas a “superovintes”).

“Mundo feliz este de Bakhtin”, reflete Sériot, visto que *O paraíso são os outros* (2007, p. 14). O enunciado, objeto privilegiado em conexão com os gêneros (e também traduzido como “enunciação”), não faz contraste com “enunciação”: não há duas palavras em russo para distinguir produto e produção. Bakhtin constrói uma teoria do enunciado (em contraste com proposição), que é individual, concreto, único. Enunciados são ligados entre si e podem ser reagrupados em tipos. Daí decorrem os gêneros da fala. Enunciados podem ter limites precisos (como as réplicas do teatro) ou ser interpenetrados de vozes outras. Diferente da *parole* saussuriana, o enunciado é determinado por uma esfera de atividade, e pode ser oral ou escrito, mas Bakhtin não diz muito sobre essa distinção. O enunciado toma o lugar da “proposição”, e aí a problemática do reflexo reaparece: O enunciado reflete a realidade extraverbal / Os gêneros refletem as mudanças da vida social.

- **COMENTÁRIO:** Foi esclarecido, no primeiro comentário de abertura desta seção, conforme Paulo Bezerra, que o contraste enunciado/enunciação é semântico. Nesta sequência, vale dizer que, se Bakhtin se valeu da *parole* saussuriana, não a tomou tal e qual, como reconhece Sériot: “à la différence de la parole saussurienne, il [l’énoncé] est déterminé par une ‘sphère de communication’ ou une ‘sphère d’activité’” (2007, p. 15).

Isso dito, Sériot considera que RŽ está aquém de *Marxismo e filosofia da linguagem* (que ele entende ser obra de Voloshinov em seu fundamento), onde se encontra uma teoria do signo, a noção de ideologia e de meio social. Em RŽ nada disso aparece; ali, a tese é: *o enunciado é a realidade única, nem individual (como em Saussure), nem social (como em Voloshinov), mas interindividual.*

### 2.3 O separado/ O reunido

A ideia de elo e totalidade fascina Bakhtin (como tantos outros intelectuais russos da época). A proposição, recusada, é dada como isolada do contexto; o enunciado individual é um todo, bem como os gêneros e a comunicação verbal, e o ato de compreensão ativo. Havendo todo, há elo – elo “orgânico” (a metáfora do organismo provém das ciências da vida). Daí que ele fale, em RŽ, de elo direto/ indissolúvel/ inelutável/ necessário.

### 2.4 Esferas, tipos, estilos, gêneros

Bakhtin jogou entre o Um e o Múltiplo. O enunciado é único, concreto, mas um conjunto pode ser reunido em tipos – gêneros, que dependem das esferas de atividade e têm um estilo. Da reunião de enunciados em tipos segue-se um problema clássico: o que seria esse objeto ideal, o tipo? Bakhtin não fornece a compreensão de tipo; para a lista de gêneros enumerados por ele não há um catálogo reconstituível. Por tudo isso, afirma Sériot que Bakhtin é profundamente essencialista. Afinal, os tipos são abstrações.

### 2.5 Ontologia/Epistemologia

Bakhtin quer buscar a “verdadeira natureza da linguagem”, a essência das coisas. Sua problemática é ontológica: o que existe realmente?

- **COMENTÁRIO:** No estudo que faz da análise de Bakhtin sobre o romance polifônico de Dostoiévski, Hebeche (2007) introduz a questão afirmando que quer mostrar como Bakhtin “opera uma gradativa saída da filosofia da consciência para uma mais abrangente compreensão do discurso” (p. 1). No final do ensaio, o autor tenta mostrar o vínculo entre a consciência e o discurso, e a resposta é: “ao fim e ao cabo, só há diálogo. A ontologia é diálogo. Se a ontologia trata do ser ou do que há, a resposta aqui é que só há diálogo.” (p. 173). E é na execução do diálogo que “as palavras da metafísica da subjetividade ganham sentido” (p. 173).

Aliás, esta é uma pergunta clássica (o que existe?), partilhada também por seus adversários. Bakhtin não tem um método hipotético-dedutivo: ele afirma as teses e refuta as de seus contemporâneos. Isso, para

Sériot, corresponde à querela entre nominalistas e realistas na Idade Média. Para Bakhtin, se há unidade de língua, não pode ser senão em nível abstrato ou mínimo de comunicação em língua. Crítica na linguística a recusa em fazer a descrição total de um enunciado-acontecimento. Seu ideal cognitivo parece ser a descrição integral, reduplicando o real a acontecer. Daí que o circuito da fala apresentado no *Curso de linguística geral* seja alvo da crítica de Bakhtin. Ele o interpreta de modo realista, como se Saussure afirmasse que aquilo se passa de fato entre os interlocutores – daí que o considere uma ficção.

## 2.6 Concluindo a reflexão de Sériot

O autor questiona: Que ganhamos com os gêneros de fala que ainda não sabíamos? Ele conclui que, para dizer que a expressividade não é do domínio da proposição mas do enunciado, o balanço é bastante magro. E lembra que os gêneros podem ser expandidos para todo tipo de atividade semiótica, aos gestos e à mímica.

- **COMENTÁRIO:** Em *Marxismo e filosofia da linguagem* (Voloshinov – Bakhtin?) encontramos: “a comunicação verbal é sempre acompanhada por atos sociais de caráter não verbal (gestos do trabalho, atos simbólicos de um ritual, cerimônias, etc.), dos quais ela é muitas vezes apenas o complemento, desempenhando um papel meramente auxiliar.” (1979, p. 110)

O que se descobre aqui, continua Sériot, é um universo irênico, sem história nem lugar determinado. Se tal mundo pode nos fazer sonhar, não o vemos realizar-se “na vida”. Se existem preceitos éticos, não há metodologia positiva aplicável ao que quer que seja. O sujeito humano individual é o centro do edifício, mas a noção é indefinida – o que vale dizer: não muito útil, na perspectiva de Sériot.

Na seção 3, que tematiza as implicações na linguística aplicada orientada para as práticas de letramento, retomarei as questões centrais trazidas por Sériot.

## 3 IMPLICAÇÕES NA LINGUÍSTICA APLICADA – PRÁTICAS DE LETRAMENTO

Noções cruciais da teoria de Bakhtin (como filósofo ou crítico da literatura) são tomadas por pesquisadores e rearranjadas no contexto pedagógico – produzindo-se, com isso, uma extensão e ressignificação das noções.<sup>5</sup> Há, é claro, nesse processo, questões implicadas em orientações teóricas específicas, a compreensão de cada comunidade de pesquisadores, as restrições de cada nível de organização governamental, os contextos específicos e, em última análise, o modo de compreensão no nível executivo das propostas, com um peso considerável das políticas tradicionais no caso do campo educacional. Algumas dessas questões são exemplificadas a seguir.

Ao tratar dos gêneros na Linguística Aplicada, Rodrigues (2005) reflete sobre as consequências pedagógicas frente a diferentes teorias e articulações teóricas (considerando ainda concepções diferenciadas a cada leitura que se faz de Bakhtin):

até que ponto se pode ainda afirmar que se está trabalhando com a noção de gêneros desta ou daquela teoria, uma vez que essas teorias, por serem diferentes, podem estar trabalhando com concepções teóricas distintas? (RODRIGUES, 2005, p. 181, grifo meu).

Teorias e articulações teóricas requerem cuidado terminológico e conceitual, especialmente levando-se em conta a elaboração didática da noção de gênero em documentos oficiais (o gênero é objeto de ensino) e suas extensões (manuais, práticas, recomendações).

<sup>5</sup> O próprio Bakhtin realizou várias reconfigurações a partir de áreas distintas, por exemplo, o termo “cronotopo” – que aparece na teoria da relatividade de Einstein e foi relacionado ao espaço-tempo na biologia e à filosofia de Kant (cf. CAMPOS, 2009, p. 130, 131).



Questões como esta são discutidas em Rojo (2005), especialmente os termos “gêneros do discurso”/“gêneros textuais” utilizados em pesquisas teóricas e aplicadas, e suas discrepâncias. Ela notou, em balanço feito em 2000 em uma instituição de ensino e pesquisa, que “gêneros do discurso” ocorria predominantemente em estudos de situação de produção de enunciados e sinalizando aspectos sócio-históricos, e “gêneros textuais” ocorria em estudos descritivos da materialidade textual. No conjunto, os trabalhos apresentavam descrições de gênero, de enunciados ou de textos pertencentes a um gênero, com procedimentos diversos e apelo a autores diferentes. A pergunta que se impunha à autora era: *quando enunciamos “gêneros do discurso” ou “gêneros textuais” estamos enunciando o mesmo objeto teórico?* Seria possível acrescentar: e Bakhtin, do que estava falando? De gêneros da fala?

Sériot dá uma resposta ao desenvolver seu estudo, em outra situação e com propósito diferente. No caso, investigou o próprio texto de Bakhtin (original) que deu origem a tantas leituras e pesquisas. A isso segue-se também, para nós, uma preocupação de ordem aplicada: que resultados obte(re)mos quando se trata de práticas escolares tratadas a partir de orientações oficiais (questão paralela àquela de Rodrigues, no início desta seção)? Tais preocupações justificam a importância atribuída aqui ao tema da (re)interpretação que fazemos de Bakhtin no que diz respeito aos gêneros (do discurso, do texto ou da fala?). E quem de nós está mais próximo de Bakhtin? Qual objeto teórico é mais adequado para dar suporte a um programa de ensino?

As discrepâncias encontradas na opção de uso daqueles termos levam a pensar sobre qual seria o propósito de Bakhtin (e do Círculo), e, claro, nas próprias opções dos teóricos ao se inspirarem na obra de Bakhtin. Como *Os gêneros do discurso* (de 1953), como expressa Rojo (2005, p. 194), “é uma formalização explícita (e de divulgação) – incompleta e nem tão bem acabada – das ideias disponíveis no Círculo”, seria de esperar que, como um dos textos mais lidos sobre gêneros (de uma maneira mais monológica), houvesse problemas de aproximação do conjunto da teoria – explicitamente de todos os componentes em que “gênero” esteja em questão. A autora entende que a expressão “gêneros do discurso” tem implicações teóricas e metodológicas diferentes de “gêneros textuais”, e que a primeira diz respeito ao fundo teórico da obra do Círculo de Bakhtin – defesa semelhante à feita por Rodrigues (2005).

Supõe-se – e não há discórdia nas várias orientações existentes – que Bakhtin defende(ria) que, no ensino prático, as formas não sejam assimiladas ao sistema abstrato de uma língua, mas sejam olhadas na arquitetura da comunicação: um enunciado (não uma sentença ou frase) será entendido como um acontecimento interindividual.

Propondo leitura exotópica de *Os gêneros do discurso*, Sobral (2009) vê ali – mesmo tratando-se do “esboço” de um livro de Bakhtin – aspectos vitais da noção de gênero, tais como a consideração do *todo orgânico do enunciado*, do *projeto de discurso* do enunciador, o gênero entendido como *unidade do intercâmbio verbal*, envolvendo uma *valoração*, implicando relação ativa entre enunciador e destinatário (expressividade). E acrescenta que essa relação mostra “que gênero não é uma categoria textual, mas discursiva” (2009, p. 173) – o que se conforma ao entendimento de Rojo (2005), como visto acima. E Sobral destaca a compreensão de *discurso* nesse contexto, trazendo-o como “ponto de junção entre gênero e texto” (p. 176):

discurso é uma unidade arquitetônica de produção de sentido que é parte das práticas simbólicas de sujeitos concretos e articulada dialogicamente às suas condições de produção, o que envolve seu vínculo constitutivo com outros discursos. Mobilizando as formas da língua e as formas típicas de enunciados em suas condições sócio-históricas de produção, o discurso constitui seus sujeitos e inscreve em sua superfície sua própria existência e legitimidade social e histórica.

Na perspectiva de Zandwais (2009), que analisa as condições de produção de *Marxismo e filosofia da linguagem* (e entendendo que, em Bakhtin, o enunciado de um sujeito está vinculado à avaliação do outro), a reação responsiva leva necessariamente à polissemia, ou seja, nós (re)avaliamos e intervimos na práxis com essa avaliação. E mais: “Se um signo, ao refletir x, refrata y, é porque os sujeitos apreendem a ordem do real de um modo específico, ou seja, aquele que suas condições de vida lhes permitem apreender.” (2009, p. 110). Em defesa da subjetividade fragmentada no corpo teórico aí materializado, Zandwais afirma: “Pela condição

[...] de realidade socioideológica é que a enunciação coloca em perspectiva um sujeito descentrado, fragmentado em seu próprio dizer. [...] A partir dessa realidade pode-se compreender por que o princípio da subjetividade individual se torna uma ilusão” (p. 113).<sup>6</sup>

A reavaliação é validada também pela formulação que selecionei de Bubnova (2006), citando Turbin, na epígrafe deste texto. É uma forma de dizer que não temos como saber o que Bakhtin “queria dizer” (no emaranhado do que o Círculo fazia e pensava, em seu contexto histórico-ideológico), enfim, qual seu “real” projeto de dizer enquanto sofria as radicais mudanças de seu tempo. A investigação proposta por Sériot é salutar como uma arqueologia e uma genealogia, mas há como chegar ao verdadeiro Bakhtin? Pensemos no próprio movimento de deslizamento do teórico e da teoria – seu inacabamento, sua recusa de formalização. Ninguém pode “segurar” a própria palavra (e a de outrem), uma vez posta em circulação, viajando no tempo e no espaço. Nesse contexto tão fluido e inseguro (de que Bakhtin sempre se ressentiu), talvez a concepção de *supradestinatório/superouvinete* tenha funcionado como o ideal da relação humana, a esperança, talvez, para tempos menos desastrosos.

Ao tratar do “complexo acontecimento do encontro e da interação com a palavra do outro”, Bakhtin (2003) escreve (*Apontamentos de 1970-1971*) que a primeira tarefa é “compreender uma obra da mesma maneira como a compreendeu o próprio autor sem sair dos limites da compreensão dele” (p. 381) – difícil tarefa proposta por Sériot? Mas há a segunda: “utilizar a sua distância [exotopia, excedente de visão] temporal e cultural. Inclusão no nosso (alheio para o autor) contexto” (p. 381). Com relação a Bakhtin essas duas tarefas não puderam ser feitas na ordem estabelecida. O estudo das condições de produção de sua obra é bem mais recente que a avaliação dos trabalhos que foram aparecendo paulatinamente, e não na ordem de publicação. Mas parece claro que a tarefa de “compreender o outro” antes do retorno ao eu-para-mimmesmo numa interação “perfeita” valia também para Bakhtin no tocante a sua própria obra – e para quem quer que escreva e veja seu trabalho fugir-lhe das mãos em direção não sabida.

Ponzio (2008, p. 243), aliás, destaca (no *Posfácio à edição brasileira*) que Bakhtin, reconhecendo que não se pode separar o texto do quadro de cultura da época em que foi produzido (a proposta de Sériot), e, portanto, devendo ser compreendido com base no sistema daquela cultura e daquele tempo, também ressalta que, assim, se pode perder de vista “a sua possibilidade de transcendência, negligenciando a ‘excedência’ que esse, em maior ou menor grau, sempre apresenta em relação à ‘ideologia oficial’.” Ou seja, o sentido do enunciado “não se esgota nas suas relações sob um plano sincrônico com a língua e com a cultura de atribuição, considerados enquanto sistemas, não é delimitável no horizonte da sua contemporaneidade e logo não pode ser compreendido simplesmente inserindo-o no quadro de tais sistemas.” (PONZIO, 2008, p. 242-243). Nós somos, aqui e agora, aqueles que podem produzir “excedência”, e isso representa a qualificação dos enunciados como abertos, incompletos, disponíveis em suas possibilidades de dispersão pela alteridade.

De fato, se a compreensão de um texto do ponto de vista da concepção de seu autor é uma tarefa para quem o analisa, essa é apenas uma etapa da compreensão: “Mas a compreensão pode e deve ser melhor”, diz Bakhtin – porque “a compreensão completa o texto: ela é ativa e criadora” (2003, p. 377, 378), permitindo a diversidade dos efeitos de sentido. Relembrando um comentário de Machado (2005, p. 160) ao discutir os gêneros discursivos, diga-se que “um sistema da cultura para Bakhtin nunca é ‘coisa do passado’, ou melhor, que nada tem a dizer para o tempo presente.” E a autora acrescenta: “Que seria se suas palavras ficassem encerradas em uma época, numa cultura e fosse incapaz de dialogar com o grande tempo da cultura?” (p. 165).

A vicissitude da interpretação e da compreensão em lugares e tempos múltiplos produz seus efeitos. Como outras, também a obra de Bakhtin teve uma leitura ramificada. Aliás, terá ele se aproximado da maneira

<sup>6</sup> Vale dizer que, em sua formulação, Zandwais aproxima a noção de sujeito daquela que é concebida no campo da Análise de Discurso francesa inspirada por Pêcheux (sujeito descentrado, fragmentado, ilusão subjetiva).

como Saussure compreendeu sua própria obra (e o *Curso* teve a desvantagem de ser editado a partir de notas de alunos). Sériot afirma que Bakhtin foi extremamente monológico, encobrindo a voz de Saussure para reafirmar a sua. Mas Saussure pode ser continuamente revisitado para novas “excedências”. E Bakhtin reconheceu, apesar de tudo, a legitimidade de sua proposta teórica. Se devemos traduzir o sintagma russo discutido por Sériot como “gêneros da fala”, não será essa uma inspiração devida a Saussure, sem que deva haver aí implicação direta ao que este definiu como ‘fala’ [*parole*]?

No Brasil, a tradução para o português de *Estética da criação verbal*, onde está alojado o texto sobre os gêneros, foi feita primeiramente a partir da edição francesa (alvo da crítica de Sériot), e é possível inferir que a repercussão das abordagens discursivas, com a influência da psicanálise – especialmente na visão de Pêcheux – tenha promovido a aproximação da teoria de Bakhtin com aquelas. A edição de 2003, contudo, foi realizada a partir do russo, o que nos dá uma visão de aproximação maior do original. Embora isso não descarte nosso desconhecimento parcial do contexto de produção, é possível, salvo pela crítica de antialogismo feita por Sériot, que nossa compreensão da teoria não esteja tão “deturpada”. Sim, podemos nos preocupar pelas formas de mediação que possamos utilizar, nas várias abordagens do gênero, e com outros problemas, já indicados. Há limites, mas há, antes, abertura.

O peso adicional da temática vem da concepção teórica e pedagógica relativa ao letramento como processo e prática social de amplo espectro. Por ser tratado como prática de socialização envolvendo os gêneros, o letramento pede a consideração das múltiplas linguagens e seus múltiplos meios atravessando a sociedade; trata-se de uma concepção complexa na qual subjaz, como categoria principal, a *alteridade* (atitude dialógica). A dimensão crucial da postura de Bakhtin para os estudos aplicados da linguagem é justamente essa, que configura perspectivas de abordagem da linguagem. Também não se pode esquecer, como destaca Brait (2001, p. 26), que o ensaio sobre os gêneros é uma chave “pela forma que reúne, religa e mobiliza os conceitos presentes nos demais trabalhos e que não podem ser pensados separadamente, isto é, signo, enunciado, enunciação, interação, dialogismo, plurilinguismo, polifonia etc.”.

Sabemos, além disso, que um conhecimento novo emerge como resposta, problematização e continuidade de um conhecimento anterior, e é visível que Bakhtin reconsiderou o que havia no contexto soviético de seu tempo. É o que nos mostra, por exemplo, Brandist (2006, p. 76-77), ao afirmar a influência de Iakubinski: “O que Iakubinski integrou em um relato sócio-histórico substantivo sobre a revolução nas relações discursivas resultante do desenvolvimento do capitalismo na Rússia, Bakhtin por sua vez integrou em uma história literária ‘ideal’.” Essa seria, diz Brandist, a fonte mais imediata do que Bakhtin propôs sobre os gêneros do discurso.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final deste percurso, penso que se justifica a reflexão feita sobre a crítica da concepção de gênero e da atitude ética de Bakhtin pela consideração do fundo epistemológico que foi sua escolha ao planejar uma obra de vida. É esse fundo que me parece mais relevante que o esboço propriamente dito tematizando os gêneros do discurso – que, como esboço, tem, de fato, fissuras que motivam o olhar crítico.

Perguntei-me, inicialmente, se devíamos nos preocupar, hoje, com o que Bakhtin “queria (podia?) dizer” em seu contexto sócio-histórico ou se devíamos nos interessar pela interpretação feita dele fora da Rússia e pelos resultados de utilização da teoria. Bakhtin, para nós, é *outro* do que foi para si mesmo e seus contemporâneos. Trata-se de refletir sobre o que isso significa para nós, do ponto de vista de nossas comunidades, e sobretudo com a mudança de rumo metodológico no ensino e aprendizagem, no letramento como prática social. De fato: o que devemos buscar quando pensamos em fundamentar as práticas escolares, decidir qual objeto teórico é mais adequado para dar suporte ao ensino e à aprendizagem? Começamos com uma filosofia, e encontramos uma resposta; sua justificativa deve incluir, primeiramente, uma atitude.

A “revolução bakhtiniana”, como designa Ponzio (2008), foi ter mudado o ponto de referência da fenomenologia: não se trata mais do horizonte do “eu”, mas do horizonte do “outro” – o que, segundo o autor, muda “a visão de mundo dominante em nossa cultura” (p. 11). Está-se falando, então, da *alteridade*, do princípio dialógico, que é um contraponto à categoria de *identidade*, predominante, diz Ponzio, no mundo ocidental, no pensamento e na práxis, construindo “abstrações concretas” tais como: Indivíduo, Estado, Nação, Verdade, Justiça, Liberdade..., que funcionam dentro do sistema global que reproduz a sociedade. Assim, uma visão efetivamente dialética deve realizar-se em termos de *alteridade*. E isso nos leva ao inacabamento, à polifonia.

Por fim, o que não podemos esquecer é que, contemporaneamente, cresce cada vez mais “a responsabilidade que temos diante do que disseram aqueles autores [do Círculo de Bakhtin].” (CASTRO, 2006, p. 114).

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN/VOLOSHINOV. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1979.
- BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: \_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. Tradução do russo por Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 261-306.
- BRAIT, Beth. O discurso sob o olhar de Bakhtin. In: GREGOLIN, Maria do Rosário; BARONAS, Roberto. *Análise do discurso: as materialidades do sentido*. São Carlos: Claraluz, 2001. p. 19-35.
- BRANDIST, Craig. Mikhail Bakhtin e os primórdios da sociolinguística soviética. In: FARACO, C.A.; TEZZA, C.; CASTRO, G. de (Orgs.). *Vinte ensaios sobre Mikhail Bakhtin*. Petrópolis: Vozes, 2006. p. 67-88.
- BUBNOVA, Tatiana. Bakhtin e a antropologia americana. In: FARACO, C.A.; TEZZA, C.; CASTRO, G. de (Orgs.). *Vinte ensaios sobre Mikhail Bakhtin*. Petrópolis: Vozes, 2006. p. 89-113.
- CAMPOS, Maria Inês Batista. Questões de literatura e de estética: rotas bakhtinianas. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: dialogismo e polifonia*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 113-149.
- CASTRO, Gilberto de. Enunciado e discurso: um diálogo entre o Círculo de Bakhtin e Michel Foucault. In: FARACO, C.A.; TEZZA, C.; CASTRO, G. de (Orgs.). *Vinte ensaios sobre Mikhail Bakhtin*. Petrópolis: Vozes, 2006. p. 114-124.
- EMERSON, Caryl. *Os 100 primeiros anos de Mikhail Bakhtin*. Tradução de Pedro Jorgensen Jr. Rio de Janeiro: Difel, [1997] 2003.
- FARACO, Carlos Alberto. Voloshinov: um coração humboldtiano? In: FARACO, C.A.; TEZZA, C.; CASTRO, G. de (Orgs.). *Vinte ensaios sobre Mikhail Bakhtin*. Petrópolis: Vozes, 2006. p.125-132.
- GONÇALVES, Maria Augusta Salin. Teoria da ação comunicativa de Habermas: possibilidades de uma ação educativa de cunho interdisciplinar na escola. *Educação & Sociedade*, Ano XX, n. 66, p. 125-140, abr. 1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v20n66/v20n66a6.pdf>>. Acesso em: 8 mar. 2011.
- HEBECHE, Luiz. *Da consciência ao discurso*. Ensaio sobre Mikhail Bakhtin. Florianópolis: Ed. Barba Ruiva, 2007.
- HIRSCHKOP, Ken. O sagrado e o secular: atitudes perante a linguagem em Bakhtin, Benjamin e Wittgenstein. In: FARACO, C.A.; TEZZA, C.; CASTRO, G. de (Orgs.). *Vinte ensaios sobre Mikhail Bakhtin*. Petrópolis: Vozes, 2006. p. 146-160.
- MACHADO, Irene. Gêneros discursivos. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 151-166.
- PONZIO, Augusto. *A revolução bakhtiniana*. Coordenador de tradução Valdemir Miotello. São Paulo: Ed. Contexto, 2008.
- RODRIGUES, Rosângela Hammes. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: MEURER, J.L.; BONINI, A., MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola, 2005. p. 152-183.

ROJO, Roxane. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In: MEURER, J.L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola, 2005. p. 184-207.

SÉRIOT, Patrick. Généraliser l'unique: genres, types et sphères chez Bakhtine. *Texto!*, v. XII, n. 3, juillet 2007. Disponível em: <[http://www.revue-texto.net/1996-2007/Inedits/Seriot\\_Bakhtine.pdf](http://www.revue-texto.net/1996-2007/Inedits/Seriot_Bakhtine.pdf)>. Acesso em: 20 jan. 2010.

SOBRAL, Adail. Estética da criação verbal. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: dialogismo e polifonia*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 167-187.

STALINE. A propos du marxisme en linguistique. In: CALVET, Louis-Jean (Ed.). *Marxisme et linguistique*. Paris: Payot, [1950] 1977. p. 145-196.

ZANDWAIS, Ana. Bakhtin/Voloshinov: condições de produção de *Marxismo e filosofia da linguagem*. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin e o Círculo*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 97-116.

***Recebido em 04/10/12. Aprovado em 07/02/13.***